



A linguagem exilada

The Exiled Language

Halina Grynberg*

Rio de Janeiro, Brasil

halinag@uol.com.br

Resumo: Análise de detalhes biográficos marcantes da obra de Sigmund Freud e de sua judeidade para compreensão de alguns fundamentos de sua trajetória como criador – aqueles mesmos que o fizeram traduzir e germanizar o seu nome próprio – na construção da teoria e da clínica psicanalítica que ele desvendou e transmitiu.

Palavras-chave: Freud. Judeidade. Psicanálise.

Abstract: Analysis of outstanding biographical details of Sigmund Freud's work and his Jewishness to understand some fundamentals of his trajectory as a creator – the very ones that made him translate his own name – in the construction of the psychoanalytic theory and clinic that he unveiled and transmitted.

Keywords: Freud. Jewishness. Psychoanalysis.

E ninguém, acendendo uma candeia, a cobre com algum vaso ou a põe debaixo da cama; mas põe-na no velador, para que os que entram vejam a luz.

Lucas 8:16-18

Começo pelas raízes daquele que se traduziu. E, assim, criou um modelo de investigação, teorias sobre o funcionamento psíquico e uma técnica interpretativa da psicanálise, ou a clínica como modo de tradução do inconsciente, que lhe brotava a partir de sua autoanálise. E nos deter na implicação dos textos tradicionais judaicos em que Freud esteve imerso, parte de seu romance familiar e, portanto, da lógica do sexual subjacente à teoria que concebeu.

Alguns autores, como David Bakan, em seu livro de 1958, *Sigmund Freud e a tradição mística judaica*¹ postula que Freud estava familiarizado e interessado na cabala e que até o seu *A interpretação dos sonhos* teria sido baseado em métodos interpretativos usados para compreender os sonhos no Talmud.

Sigismund Schlomo Freud viveu entre 6 de maio de 1856 e 23 de setembro de 1939. O médico foi criado dentro de uma família tradicional judaica, com uma linhagem de ancestrais envolvidos na função rabínica de tradição hassídica. Nasceu na região de Freiberg in Mähren, durante o domínio do Império Austro-húngaro, mais

* Psicanalista e escritora.

¹ BAKAN, 1958.



precisamente na rua Zámečnická 117, (código da zona: 742 58). Atualmente, essa localidade é denominada Příbor e pertence à República Tcheca (GPS: 49.641040, 18.140862).

Por iniciativa própria, em 1877, aos 21 anos, traduziu-se como Sigmund Freud. Sonoridade mais germânica, buscando evitar a referência imediata a sua origem judaica que, ainda assim, tantas obstruções lhe traria ao longo da carreira acadêmica e clínica. No entanto, quase meio século depois, em 1925, reconhece: “Meus pais eram judeus e eu próprio continuei judeu... Meu profundo interesse pela história da Bíblia (quase logo depois de ter aprendido a arte da leitura) teve, conforme reconheci muito mais tarde, efeito duradouro sobre a orientação do meu interesse”²

São, sem dúvida, marcantes os detalhes biográficos de Freud e sua judeidade³ para compreendermos os fundamentos reprimidos e inconscientes de sua trajetória como criador – aqueles mesmos que o fizeram traduzir e germanizar o seu nome próprio – na construção da teoria e da clínica psicanalítica que ele desvendou e transmitiu?⁴

O desejo de Freud, que o leva à produção de um saber, a construção metodológica de um processo de investigação e pesquisa, e a prática clínica da psicanálise são, inevitavelmente, atravessados pela memória das primeiras leituras e escritas, tantas vezes reiteradas e recalçadas, das preces e das orações familiares, dos comentários e das interpretações da Bíblia judaica oferecidas no seio familiar. Eventos traumáticos, sintomas e memórias se fizeram objeto de investigação e posterior hipóteses clínicas durante sua autoanálise, diante de Fliess, o destinatário da chama transferencial, e tão judeu quanto ele próprio. Na correspondência entre eles surgem palavras em iídiche, piadas, comentários sobre festividades e ritos judaicos.

Na carta 52 dessa correspondência, por exemplo, destaca-se a primeira teoria do aparato psíquico formulado por Freud como um aparelho de memória e de linguagem. Urdido pela ação de traços mnêmicos que adotam a função de memória e de elementos articuladores de associações. Assim, no seu ato inaugural, Freud funda a psicanálise pela leitura e pela investigação da escrita psíquica do sintoma, enquanto função significativa na estrutura das doenças nervosas, envolvendo uma linguagem e suas representações.

A memória que interessa à psicanálise é aquela que se oferece como um texto escrito a ser decodificado ou traduzido. Lacan acentuaria que segundo Freud, “a memória seria plural, múltipla, e registrada sob diversas formas”⁵ A memória seria, então, como uma

² FREUD, 1925-1924.

³ FUKS, 2000.

⁴ Mais adiante veremos como essa troca de nomes faz parte da tradição judaica. Assim, quando tentava evitar ter sua ascendência judaica reconhecida, produz um sintoma e deixa um resto interpretável.

⁵ LACAN, 2010.



espécie de arquivo móvel, desalojável, que pede por uma elaboração constante, produzida a partir de algo que escapa à consciência. Portanto, já temos aqui a referência à presença de um limite no psiquismo, que mesmo podendo ser interpretado, mantém-se lacunar, alusivo e contém, ainda, aspectos impossíveis de serem traduzidos em representações. Diversos estudiosos elaboraram esta questão.

Em “Aparelho psíquico, memória e a noção de tempo nos primeiros textos de Freud: sobre as vicissitudes da linguagem”, Dayanna Santos,⁶ comenta as implicações entre aparelho psíquico, memória e tempo presentes desde os primeiros textos, inclusive os pré-psicanalíticos. Destaca a autora, a noção do *a posteriori* evocada por Freud (1894) por meio do termo alemão *nachträglich*. Assim, constrói sua reflexão específica sobre a noção de memória desenvolvida na *Carta 52*. Segundo a autora, ali estão apontados os diversos registros de memória nos quais um mesmo conteúdo, com o passar do tempo, poderia ser inscrito e transcrito conforme distintos princípios associativos da linguagem e seu contexto, sugerindo posições de enunciação em sua traduzibilidade interpretativa no *setting* clínico. Interpretação e tradução do inconsciente tornam-se desse modo, quase equivalentes. Ou ainda, como a possibilidade de tradução na extensão do tempo cronológico histórico ou na intensão lógica do sujeito. Sob esse prisma, a memória não dá possibilidade à recuperação imediata e plena de seu conteúdo integral, em relação aos elementos da consciência. Há coisas que aparecem e outras que se mantêm intraduzíveis entre representação de língua e de linguagem.

Ginette Michaud,⁷ estudiosa dos conceitos de arquivo e de tradução em Jacques Derrida, considera que a psicanálise tem sua história marcada pela ideia de tradução. Inegavelmente, desde os primeiros textos, Freud teria estabelecido a relação íntima entre a transposição de textos e o objetivo da psicanálise que seria a tentativa de tradução do inconsciente. Nesse compromisso dialético entre psicanálise e tradução, a desconstrução se insere como violenta e subversiva, de maneira a não deixar intactas nem uma e nem a outra. Ainda que, para Derrida,⁸ a questão da desconstrução (uma forma de prática no *setting* analítico) seja também uma questão de tradução psíquica e de língua dos conceitos, no corpus da metafísica ocidental. No texto do filósofo em torno de Freud, o fio que amarra esse encontro entre psicanálise e desconstrução é, pois, a evidência de um arquivo e a possibilidade de sua tradução. Ao expandir a questão da memória para qualquer arquivo, ele destaca a violência de todo processo de arquivamento, a partir mesmo do momento de sua instituição, na escolha da forma, da língua e da estrutura de escrita com as quais se viabiliza o arquivamento (ou memória). Todo arquivo se instala como poder de guardar e reservar, mas também poder de instituir, fazer a lei, fixar demandas que seja respeitada. Não podemos

⁶ SANTOS, 2019, p. 21-37.

⁷ MICHAUD, 1989.

⁸ DERRIDA, 1995; 2001.



esquecer, destaca Derrida, que o desejo de arquivamento só é possível diante da ameaça ou possibilidade de esquecimento, e de uma perda irreparável.

Essa perspectiva tradutória implica a compreensão da história humana como leitura submetida às contingências de vida sujeitos afetivos e, portanto, afetados por contingências, traumas e resistências. A tradução seria também, portanto, um trabalho concebido como perlaboração, resgate, entre descontinuidades, contradições e heterogeneidades.

Jakob Freud, pai de Freud, embora tentasse aparentar um homem razoavelmente integrado às circunstâncias sociais da cultura austríaca, condição necessária para instalar-se no comércio de lãs – no qual nunca teve muito êxito financeiro, falava em casa o hebraico e praticava o iídiche caseiro dos exilados judeus na Europa Oriental. Honrava as festividades do calendário judaico e dedicava-se à leitura da Torá, a Bíblia hebraica, o Testamento de Moisés, o Livro dos Livros. Um típico judeu da diáspora.⁹ Ensinou ao filho Schlomo, a partir dos sete anos, a língua hebraica por meio da leitura dos textos sagrados, comprometido com a tarefa paterna de garantir-lhe a preparação para o Bar Mitzvah.¹⁰

Pretendo, em uma breve trajetória, fazer vislumbrar alguns rituais de iniciação e passagem no judaísmo. Deixando reverberar os mitos e as fantasias originais recalcados de Freud. É preciso destacar que o Velho Testamento da Bíblia cristã, tal como é relido e interpretado pelos evangélicos, a igreja católica ou pelos luteranos, não é o mesmo livro da Bíblia hebraica. A Escritura Sagrada Cristã é dividida em dois Testamentos: o que precedeu o advento e a Paixão de Cristo é chamado de Velho ou Antigo Testamento. Mas as coisas que foram escritas após a sua ressurreição são relatadas e louvadas no Novo Testamento por intermédio da simultânea reescritura do Velho Testamento, para que se anteveja a chegada de Cristo como filho de Deus, desde os primeiros capítulos.

Os judeus fazem uso teológico apenas do que se convencionou chamar de “Velho Testamento”, por não reconhecem Jesus como filho de Deus e parte da Trindade, mas como um profeta. E, mais ainda, a grande diferença entre o judaísmo e os cristianismos está justamente na fonte da tradução, sempre a questão da tradução!, nas regras das línguas na qual foi escrito o a Bíblia hebraica (aramaico/hebraico) e a partir da qual

⁹ Diáspora judaica (em hebraico *tefutzah*, "dispersado", ou גלות *galut* "exílio") refere-se a diversas expulsões forçadas dos judeus pelo mundo afora e da consequente formação das comunidades judaicas espalhadas para além do que hoje é conhecido como Israel por dois mil anos.

¹⁰ Ritual de maioridade aos 13 anos. O menino é autorizado a ler em voz alta e contribui para a interpretação da Torá diante dos anciãos da comunidade. “Bendito seja Você, Senhor nosso D’us, Rei do Universo, que nos santificou com Seus mandamentos que nos ordenou...”.



seria vertido para o grego e depois revisto pelos que se autodeterminaram como cristãos.¹¹

Jakob Freud atribui ao recém-nascido, primogênito de seu terceiro matrimônio, o nome do próprio pai, como determina a tradição judaica, mantendo o patronímico familiar, respeitando os rabinos da família, avô e bisavô, eruditos e letrados. Aos 35 anos, Freud recebeu como presente de seu pai Jakob, cinco anos antes deste falecer - a antiga Torah familiar, que havia sido reencadernada em couro e trazia belíssima dedicatória em hebraico. Foi nela que Jakob Freud registrou dois acontecimentos relevantes: “6ª feira, 4 da tarde, 6 de ADAR de 5616, ou seja, 21 de fevereiro de 1856: meu pai, o rabino Schlomo, filho do rabino Ephraim Freud, entrou em sua morada celeste”. E apenas algumas semanas depois, ele voltou a anotar: “No primeiro dia do mês de Iar de 5616, ou seja, 6 de maio de 1856, às 6 e meia da tarde: nasceu o meu filho Schlomo Sigismund”¹²

Ao introduzir seu filho na leitura do Livro dos Livros, Jakob Freud cumpria o dever maior de um pai judeu: abrir passo a seu filho para caminhar através cultura do seu povo exilado. Assim, o jovem Schlomo Sigismund foi precocemente estimulado a respeitar sua filogenia ancestral e ontogenia particular, numa série complementar característica da tradição rabínica e a da diáspora.

Chego, portanto, à questão da linguagem na cultura e sua relação com o inconsciente atemporal, e a possibilidade da traduzibilidade em repetidos atos transferenciais. Já que há certas características estruturais nas línguas – o aramaico e o hebraico – em que essa sagrada escritura judaica foi elaborada e é lida até hoje, para os praticantes é possível reconhecer a demanda do pacto simbólico que percorre o texto. Desse modo, ao recordar, repetir e elaborar, a marca da escrita de seus antepassados exilados na

¹¹ Hebraico e aramaico são línguas semíticas. E o grego, e posteriormente o latim, são de origem indo-europeia e difundidas como parte da tradição cristã em diversas línguas particulares. Latim é uma antiga língua indo-europeia do ramo itálico originalmente falada no Lácio, a região do entorno da cidade de Roma. Foi amplamente difundida, especialmente na Europa Ocidental, como a língua oficial da República Romana, do Império Romano e, após a conversão deste último ao cristianismo, da Igreja Católica Romana.

¹² Vale observar que o calendário judaico se baseia nos movimentos da Lua e do Sol, sendo, portanto, um calendário lunissolar. Dessa forma, os meses são contados a partir dos ciclos lunares, e os anos a partir dos ciclos solares. Portanto, os anos podem variar de 12 a 13 meses, com 29 ou 30 dias. Então, os anos nesse sistema são 11 dias mais curtos em relação ao calendário gregoriano, que é o mais utilizado no mundo. A fim de regular essa diferença, eles criaram anos bissextos, que, de tempos em tempos, incluem um mês. São no total 7 anos bissextos em 19 anos, e ocorrem no 3º, 6º, 8º, 11º, 14º, 17º e 19º ano desse período.



diáspora em diversas geografias e temporalidades, o então já autodenominado Sigmund Freud, fez a travessia de sua autoanálise em tempo lógico do inconsciente.

A cada momento, portanto, Freud se traduzia e a convicção de seu pai foi fundamental como âncora identificatória do mandamento judaico de leitura e da interpretação, do apetite de saber daquele que seria o fundador da psicanálise, um cientista-intérprete nascido dentro de uma determinada tradição de leitura e interpretação de textos, em que o plano individual e o social estão eticamente interligados e o texto é considerado um território, construindo dispositivo de subjetividade. Não existindo, por isso, separação entre o sujeito individual e a cultura.

Vários elementos teóricos e empíricos da teoria psicanalítica nos levam a entender essa integração. Quando utilizamos o conceito de Édipo e repensamos as relações primárias de amor e ódio, identificação e subjetivação, por exemplo, reconhecemos que as relações familiares primárias e suas formas precoces têm importância na construção de algo que nós somos e nos reconhecemos sendo. Depois da teorização de Freud sobre o Complexo de Édipo como herança e destino, não podemos ignorar o que a rede de afetos na parentela é como um romance familiar fantasmático, acarretando as construções e escolhas que fazemos na vida. Freud baseou-se na trilogia trágica de Sófocles (496-406 a.C.), *Édipo rei* – talvez nutrido pelas produções modernas da peça que estavam sendo encenadas em Paris e Viena, no fim do século XIX, um sucesso fenomenal na década de 1880 e 1890. Em *A interpretação dos sonhos*, publicado em 1900, propõe que o desejo edipiano é um fenômeno universal psicológico e filogenético na espécie humana e a causa da repressão da grande volúpia inconsciente. Autores diversos contemporâneos fizeram revisões desse tema que ainda permanece como um dos mais debatidos.

Essa distinção entre tradição e religião hebraica é imprescindível para a compreensão da obra de Freud. Alguns, talvez, por não terem vivido num berço judaico, mas numa cultura familiar ocidental cristã, nunca perceberam que há uma grande diferença entre a tradição de um saber e essa tradição como fé apropriada por um poder humano e gerenciada por uma instituição religiosa. Não se trata apenas de espiritualidade, mas da institucionalização da fé.

Observe-se o Papa Francisco, que habita num Estado separado – Estado este que lhe pertence e de onde se manifesta regularmente para o mundo de seus filhos e filhas. Ele reside num país onde exerce um cargo ao mesmo tempo religioso e hierárquico, mandante daquele território que vela pela fé cristã e que a representa, numa dobradura de representações de dispositivos. A Cidade do Vaticano, é uma cidade-estado cercada por Roma, na Itália, sendo a sede da Igreja Católica Romana. É a residência do Papa e está repleta de tesouros da arte e da arquitetura. Localizado na zona norte de Roma, capital da Itália, o Vaticano é o menor país do mundo. Ele tem área de 0,44 quilômetros quadrados, o que equivale ao tamanho de um quarteirão grande em uma metrópole. O território do Vaticano foi doado pelo rei Pepino para a Igreja Católica em 756 d.C.



Portanto, podemos consignar que há um território da religião e que nele, imbricado, há um dispositivo político investido com uma determinada linguagem das artes e das expressões religiosas produtivas dos que o habitam, que dizem respeito a determinadas trocas entre sujeitos e que são convocados por um mesmo código simbólico de fala e escrita, neste caso através da língua que é o latim, usada tanto nos cultos quanto nas questões burocráticas internas.

Uma evidência cabal disso também pode ser reconhecida na tradição judaica. O que permite à tradição ser diferente da religião? Para exercer sua fé no judaísmo, trata-se, inicialmente, de produzir um vínculo com um rabino. E assim filiar-se à comunidade por identificação à forma como esse rabino produz alegorias, transmite posturas éticas e reinterpreta as escrituras, enlaçando a todos que o reconhecem como líder espiritual numa tradição de leitura, decifração e interpretação. Uma renovação da aliança simbólica. Um modo de repercutir a transferência sobre esta específica relação de diferença e construção, sustentado pelo rabino, enquanto lugar de um exercício interpretativo. Esse homem, no entanto, não se resume a sua tarefa de servidor do divino. Porque deve manter a subjetividade de um homem que ama e que procria, sujeito diante de sujeitos que se congregam na travessia do deserto, que é a vida. Hóspedes da vida, juram ser fiéis ao contrato e as regulações dos famosos Dez Mandamentos. Errantes em busca de cartas de mar e ar na terra que pertence ao Criador.

Ao traduzir o seu nome com vistas a determinada jornada no mundo, Freud praticou aquilo que na Bíblia hebraica é um ritual de ressignificação. Há muitas ocasiões em que os patriarcas e as matriarcas mudam de nome. Os nomes são considerados muito significativos no judaísmo. O nome é o canal pelo qual a vida chega aos humanos vinda dos Céus. Por isso, no *Midrash*,¹³ lê-se que quando os pais dão nome a um filho, o destino daquela criança está envolto na combinação das letras hebraicas que formam o seu nome. Os sábios do *Midrash* aplicam ao estudo da Torah os comentários que constituem toda uma enciclopédia de literatura interpretativa. Os vários rabinos através dos séculos buscando decodificar os efeitos de tradução da passagem da tradição oral para a escrita, usando elementos “atuais” (de uma certa época) para verter ou transpor os textos antigos em uma forma compreensível. Sua etimologia vem do verbo hebraico *darâs*, que significa “buscar, investigar, estudar”. Quando na Torah, Deus muda o nome de alguém, diz o *Midrash*, que isto indica uma missão a ser completada em sua jornada na terra. Um novo significante é instalado. No caso de Freud, sua autodenominação resulta em um percurso de autoanálise.

¹³ O termo *Midrash*, em hebraico, מדרש; “explicação”, designa um método de exegese de um trecho bíblico, direcionando ao estudo ou investigação que facilita a compreensão da Torá, e seguindo a orientação de determinado rabino em determinada época. Tem, portanto, efeito de filiação a determinado rabino.



Um exemplo marcante de mudança de nome foi o que ocorreu com Abraão. Ele que se chamava Abrão (“pai elevado”) tem seu nome mudado seu nome para Abraão (que significa “pai de uma multidão”). Assim fica consignado que Deus o escolhera para a grandiosa tarefa de pai do seu povo.¹⁴ E tendo praticado a circuncisão em si próprio está aberto aos desígnios de Deus. A instituição ritual da circuncisão é evidência no corpo humano de uma aliança simbólica com o divino.¹⁵ Freud era circuncidado, partícipe portanto deste código simbólico inscrito no corpo. Isso é da maior importância para compreendermos Freud: sua legitimação e identificação dentro deste específico código simbólico determina a constituição de uma sintaxe de pensamento nova. Poderíamos chamar a circuncisão como a marca do grande Outro (Lacan), a insígnia do sexual (Laplanche), e outras tantos conceitos em língua de “psicanaliquês”, dependendo do autor da tradução!

A partir desse ritual de circuncisão, o menino fará parte de uma tradição na qual não se pode venerar imagens. Talvez por isso tenham tanta ânsia de produzir conhecimento. Mas o que dizer da proibição de construir imagens? Faz-se a inscrição de uma vazia e da cesura interior, e a partir daí, um objeto total torna-se inalcançável. Equivale a castração original e à proibição de preencher com os resíduos de uma onipotência infantil um espaço na alma/mente que deve permanecer vago. Essa marca do lugar vazio, mas operador (*das Ding* em Freud), é onde o sujeito e o sagrado, ou a verdade, se flexionam. Mas podemos e devemos construir, a partir desse vazio, versões geracionais da verdade em sublimações continuadas.

Retornando à questão da nomeação, a palavra que identifica o Deus judaico, a mais sagrada delas, a palavra pela qual os judeus O invocam sem nunca ver-Lhe a face: YHVH, em latim *Yahveh* ou *Yehovah* é impronunciável em hebraico, mas lido letra a letra em sequência. Letra Y. Letra H. Letra V. Letra H.

Segundo alguns comentaristas do Livro Sagrado, o significado seria: "Eu sou aquele que sou" ou "aquele que traz à existência tudo que existe". Único topos onde o verbo ser é declinado e referido ao autor de um modo de existência. Sem morte ou renascimento. Pois no hebraico moderno ninguém pode se definir dizendo eu *sou* ou *serei* analista, mas simplesmente evidência de contingenciamento: eu analista. (Lugar de enunciação). Para evitar dizê-lo letra a letra, há um nome, este pronunciável, “*HaShem*”. “O Nome”.

¹⁴ A instituição da circuncisão relatado em *Genesis*.

¹⁵ Em Gn 17: 15-16, Deus muda também o nome de Sara, de Sarai para Sara. A mudança do nome de Sarai para Sara é explicada como a promessa do nascimento de um filho (Isaac), pondo fim à sua esterilidade. Ao receber o nome de Israel, Deus estaria lhe garantindo que seria um vencedor já que estaria ao seu lado lutando com ele todas as suas batalhas.



O supremo divino na tradição teológica judaica é, portanto, um nome dos nomes, um lugar criador de nomes e de atos. É “O” significante de mestre, potência criadora, geradora de uma sequência infindável de outros nomes, a partir de Adão, o homem criado do barro, e, no entanto, à Sua imagem e semelhança. Curioso que todos os outros – objetos, seres vivos e materiais – na Torah, serão nomeados com substantivos que lhes serão atribuídos por Adão. As coisas podem ser identificadas a um substantivo por meio da tarefa transferida por Ele ao homem. Transferência, Nomeação. Ato. Esse é o pacto simbólico, deslocado para o espaço geográfico-territorial da transitoriedade dos mortais, que vivem o tempo errante da nomeação por um Outro. Esse é o pacto da linguagem. Parece que estou falando da transferência em psicanálise. Seria Freud um tradutor?

Referências

BAKAN, David. *Sigmund Freud and the Jewish Mystical Tradition*. Reino Kent: Dover Books, 1958.

DERRIDA, Jacques. *Mal d'archive*. Une impression freudienne. Paris, Ed. Galilée, 1995.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*. Uma impressão freudiana. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico. Vários tradutores. Disponível em: <http://www.freudonline.com.br/livros/volume-20/vol-xx-1-um-estudo-autobiografico-1925-1924>. Acesso em: 24 set. 2021.

FUKS, Betty. *Freud e a judeidade: a vocação do exílio*. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2000.

LACAN, Jacques. *O seminário*. Livro 3. As psicoses. Aluizio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

MICHAUD Ginette. *Lire le fragment*. Transfert et théorie de la lecture chez Roland Barthes. Montréal: Éditions HMH, 1989.

SANTOS, Dayanna Pereira dos. Aparelho psíquico, memória e a noção de tempo nos primeiros textos de Freud: sobre as vicissitudes da linguagem. *Caderno de Psicanálise*. Rio de Janeiro, v. 41, n. 41, p. 21-37, dez. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>. Acesso em: 23 set. 2021.

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/05/2021.